

## Identidade: Estrangeiro

### RESUMO

Tendo por base o romance *O Estrangeiro*, de Albert Camus, este trabalho propõe uma leitura da obra e do autor, tendo por fio condutor os estudos de Freud e de Winnicott. Parte-se da hipótese de que a percepção de ser estranho numa terra estranha resulta de um processo de crescimento marcado por perdas precoces e escasso em afectos, que comprometem o processo da maturidade saudável. Uma identidade que não pode ser contida e pensada, porque precocemente entregue a si própria, desenvolve mecanismos de indiferença ou revolta, que se manifestam numa relação com o mundo pouco erotizada, vivida como absurda, sem significado e solitária. O Eu que sente não ter um lugar (lar) a que possa chamar seu, equivale a habitar a pele de um estrangeiro em território desconhecido, perdido entre a possibilidade de ser escravo ou dono de si, na permanente busca de amor.

*Palavras-chave:* Estrangeiro. Estranho. Identidade. Ambivalência. Tabu. Liberdade.

*When you're strange, no one remembers your name*

*The Doors, Strange Days*

*A consciência é a percepção interna da rejeição de um*

*desejo que opera dentro de nós*

*Freud, Totem e Tabu*

## I. A OBRA

«Hoje a minha mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo». Em *O Estrangeiro* (Camus, 1942), o jovem argelino Meursault, de quem não se conhece o primeiro nome ou a idade, o autor ilustra a filosofia do absurdo e a «interminável procura de significado», não é um fora de lei. Pelo contrário, o personagem vive sempre dominado pelo que lhe acontece (Camus, p. 69). A sua aparente indiferença e recusa em apresentar uma justificação coerente, aos olhos da sociedade, por ter morto um árabe com cinco tiros, não é a razão última que o leva à guilhotina. Nas duas partes da obra, o anti-herói descreve eventos, pensamentos, percepções e acções com uma passividade desconcertante, passando ao leitor a ideia de que a sua vida e atitudes são destituídas de uma ordem racional, absurda aos olhos de uma sociedade da qual ele faz parte, e que «deseja um significado por trás da acção».<sup>1</sup>

Sumarizando alguns pontos-chave da história, compreendemos o conflito em que o leitor é colocado. Meursault recebe a notícia da morte da mãe, passa pelo asilo e vai ao funeral, não exhibe os sentimentos socialmente esperados. «A culpa não é minha» (p.3), adianta ao chefe, pela relutância deste em dar-lhe dois dias de folga, no escritório; «Não sei» (p. 5), explica ao director do asilo, quando questionado por, em duas ocasiões, não querer abrir o caixão; «não sabia ao certo quantos anos tinha» (p. 13), justifica ao leitor, por ter respondido vagamente a um velho amigo da mãe, que costumava visitá-la, acerca da longevidade desta, no funeral. A distância emocional do protagonista contrasta com a sua atenção, focada nas sensações físicas: as cores da paisagem, o calor do sol, as dores de cabeça, a vontade constante de dormir. Presente, ainda, em cada um dos seus actos, a consciência de caminhar numa linha de fronteira entre as suas necessidades e as convenções. Cada gesto em público é acompanhado do pensamento «não sei se devia», como acontece, ainda, quando fuma um cigarro no velório e se

---

<sup>1</sup> The Albert Camus Society, 2005.

questiona se o deveria fazer diante da mãe. «Tive vontade de lhe dizer que a culpa não fora minha, mas detive-me porque me pareceu já ter dito isso mesmo ao meu chefe» (p. 16), Meursault informa o leitor, quando Maria, uma antiga dactilógrafa do escritório encontra num banho de mar, no dia seguinte ao enterro e lhe pergunta, no cinema, porque tem gravata preta.

A ambiguidade e a incerteza são uma constante na mente do personagem, que parece conduzir-se sem atender às consequências morais dos seus actos, como se deles fosse, de certa forma, refém. Como acontece com o vizinho de andar, Raimundo, conhecido por ser alcoólico, andar à pancada com estranhos e bater na amante que, suspeitava, o traia, e por isso pretendia castigar. Meursault condescende em escrever uma carta em nome de Raimundo. «Era-me indiferente ser ou não amigo dele e, como isso parecia dar-lhe gosto... » (p. 24). Indiferente lhe era, a presença da mulher que, em tempos, desejara. «Perguntou-me se queria casar com ela. Respondi que tanto me fazia, mas se ela queria casar, estava bem. Quis saber se eu gostava dela. Respondi (...) que julgava não a amar (...) contentava-me em dizer que sim» (p. 30).

O lema de vida *tanto faz* atinge o seu auge quando se depara com um grupo de árabes, que Raimundo deseja agredir. «Vai-te a ele, homem a homem e dá-me o revólver. Se o outro intervém ou se puxa a navalha, mato-o (...) Pensei neste instante que disparar ou não disparar era tudo o mesmo (...) ficar ou partir, vinha a dar na mesma coisa» (p.41). Até ao final da primeira parte, o leitor é colocado numa situação ambivalente, em aderir, ou não, à renúncia do personagem em conferir intencionalidade aos seus actos, que culminam num desfecho fatal, quando o protagonista volta à praia sozinho e comete o assassinato, alegadamente, pelo efeito da luz reflectida no aço da navalha do árabe, quando Meursault se lhe dirige.

«Esta espada a arder corroía-me as pestanas e penetrava-me nos olhos doridos. Foi então que tudo vacilou (...) todo o meu ser se retesou e crispei a mão que segurava o revólver. O gatilho cedeu (...) Voltei então a disparar mais quatro vezes, contra um corpo inerte onde as balas se enterravam sem se dar por isso» (Camus, 1942, p. 43).

O personagem de *O Estrangeiro* dispõe-se a morrer pela sua verdade, recusando-se firmemente em escolher entre os seus actos e as alternativas, o que o converte no infractor de um tabu. Por submeter-se às suas necessidades físicas e impulsos, que parecem sobrepor-se aos seus sentimentos e pensamentos, Meursault é considerado *persona non grata* em julgamento, pela sua insensibilidade, pela sua indiferença, pela «aparente falta de liberdade moral» (Bowker, 2009, p. 16).

Freud (1913) abordou esta temática, considerando, em *Totem e Tabu*, que a proibição assenta na ambivalência de sentimentos entre o que é consciente e o que é reprimido e a dimensão do castigo [pena capital, em *O Estrangeiro*] reflecte a defesa contra essa ambivalência inspirada pela pessoa ou acto tabu, que comporta o risco de contágio dos desejos reprimidos que ameaçam destruir a sociedade.

«Qualquer um que tenha violado um tabu torna-se tabu porque possui a perigosa qualidade de tentar os outros a seguir-lhe o exemplo: por que se lhe deve permitir fazer o que é proibido a outros? Assim, ele é verdadeiramente contagioso naquilo em que todo exemplo incentiva a imitação e, por esse motivo, ele próprio deve ser evitado» (citado em Freud, 2004)

Num outro artigo<sup>2</sup> Freud retoma a questão do compromisso entre o indivíduo no mundo, admitindo que a via possível para transformar os instintos agressivos da natureza humana se opera pela via do erotismo, embora poucos consigam estabelecer esse vínculo afectivo e se mostrem «capazes de transformar o instinto num verdadeiro processo de socialização» (Carlos Amaral Dias, 2005, p. 144). Na medida em que a adaptação à cultura e as normas implica a renúncia à satisfação instintiva - forçando a supressão dos instintos e à construção de um *falso self* (p.143) – permitindo «a transformação do estranho num similar», em que o sentimento dominante é a ambivalência e não a indiferença» (p. 146). E nisso, Freud postulou que a nossa espécie, dita civilizada, continua a comportar-se como o homem primitivo: face aos estranhos, adopta uma atitude indiferente, que não merece a consideração, por com ele não existir proximidade, a intimidade que converte o outro num semelhante.

Meursault não é verdadeiramente condenado pelo crime propriamente dito, antes por ter violado um tabu. Diante do advogado nomeado para o defender, o personagem responde às evidências da sua ‘insensibilidade’ no dia do funeral – por não ter chorado a morte, com um «claro que gostava da minha mãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres saudáveis tinham, em certas ocasiões, desejado mais ou menos, a morte das pessoas que amavam» (p. 44). «Acuso este homem de ter assistido ao enterro da mãe com um coração de criminoso» (Camus, 1948, p. 67), diria o procurador, sentindo o seu dever compensado [a sentença de pena de morte] «pela consciência de um imperativo sagrado e pelo horror a esta fisionomia humana onde nada leio que não seja monstruoso» (p.71) . Um homem que matava moralmente a mãe «devia ser afastado da sociedade dos homens, exactamente como aquele que levantava uma mão criminosa

---

<sup>2</sup> *Considerações sobre os tempos de guerra e de morte* (Freud, 1915)

contra o autor dos seus dias» (p. 70). Tal como a morte da mãe, a sua seria «um caso arrumado» (p.76).

De salientar aqui a articulação do estranho com o recalçamento e à compulsão da repetição, que Freud aborda em *O Estranho* (1919), um ano antes da publicação de *Além do Princípio do Prazer* (1920), a partir da análise etimológica do termo ‘*Heimliche*’ e do seu negativo ‘*Unheimliche*’: o estranho seria «algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão», encarado como algo «sinistro, «demoníaco» e, segundo uma definição apontada por Schelling, do estranho como «algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz»<sup>3</sup> (citado em Freud, 2004), remetendo directamente para a questão da repressão e da manifestação do *retorno do recalçado*.

«Lembrei-me de uma história que a minha mãe costumava contar-me, a respeito do meu pai. Eu nunca o conhecera. Tudo o que sabia a respeito deste homem, era talvez o que a minha mãe então me dizia: fora assistir à execução de um assassino (...) como não percebera eu que não havia nada mais importante do que uma execução capital e que, sob um determinado ponto de vista, era a única coisa verdadeiramente interessante para um homem?! Se por acaso saísse da prisão, iria assistir a todas as execuções capitais» (Camus, 1946, p. 76).

A apatia de Mersault perante a vida e a sua raiva reprimida, pela frustração das suas ambições em jovem, após ter desistido dos estudos, apesar da conduta de trabalhador

---

<sup>3</sup> FREUD. Em *O Estranho*, Freud usa estes adjectivos na caracterização dos fenómenos de compulsão à repetição e na definição da pulsão de morte.

exemplar e da sua inteligência, reconhecida pelo chefe (que chega a oferecer-lhe uma promoção), e de ser um homem educado, aos olhos do tribunal – revelam-se, posteriormente, no derradeiro acto de violência agida sobre o árabe sem nome. E face à angústia gerada, não pela guilhotina, mas pela possível indiferença dos outros, o anti-herói, acolhe-a, com um desejo final.

«Eu abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por o sentir tão parecido comigo, tão fraternal, senti que fora feliz e que ainda o era. Para que tudo ficasse consumado, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muito público no dia da minha execução e que os espectadores me recebessem com gritos de ódio» (Camus, p. 85).

O conceito de absurdo pode ser alargado à dinâmica relacional entre os personagens do romance, onde se jogam as defesas contra a ambivalência gerada pelo próprio conceito de liberdade (Bowker, 2009). Meursault, enquanto tabu, ameaça tornar absurdos todos os que com ele se cruzam, por ser a face monstruosa de um interdito, inerente ao conceito de liberdade social (onde os indivíduos permeáveis à cultura se querem capazes de assumir escolhas e responsabilizar-se pelos seus actos). «Parte da ambivalência da liberdade consiste num desejo de retorno ao estado de imaturidade, de ser escolhido ao invés de escolher, de depender em vez de ser independente» (Bowker, 2009, p. 22).

Na linha de fronteira entre o pertencer e não pertencer, o ser de direito que não pode ver-se - pensar-se – enquanto tal, vive na condição de ser solitário e entregue à sua própria sorte, onde a esperança parece não ter lugar no mapa, como parece querer dizer a entrada do clássico dos Doors (1969): «*People are strange, when you're a stranger /*

*Faces look ugly when you're alone (...) When you're strange, no one remembers your name».*

## II. O AUTOR

*Eu revolto-me; logo existo*

*Camus, O Homem Revoltado*

Albert Camus (1913 – 1960) foi Nobel de Literatura, em 1957 e tinha 46 anos quando morreu num acidente de viação, nos arredores de Paris. A sua obra póstuma, *The First Man* (Camus, 1995), publicada 35 anos após a sua morte, pela filha, a partir de manuscritos não editados do romance inacabado do autor, «é uma meditação autobiográfica à sua infância [na Argélia francesa], pobre e órfã de pai [morto na I Guerra Mundial] (Wilkinson, 1997). O homem incompreendido, revoltado contra a sua condição, que nunca aceitou – e combateu, com veemência - tudo o que frustra e nega a criação e a liberdade humanas, conheceu a condição de oprimido e exilado, no lar e no mundo. Filho de uma empregada doméstica com recursos precários, surda e analfabeta, que se viu forçada a viver em casa da mãe após a morte do marido, Albert passava fome e sofria a humilhação das sovas da avó, a quem a mãe, por gestos, sinalizava: «'Não na cabeça'. Era um mundo redutor, abatido, onde ele estava melhor fora que dentro» (Camus C., citado em Logeart, 2009). A condição de solitário e exilado no seu próprio país ganhou corpo nos tempos de liceu - mesmo quando já dominava a língua francesa - e mais tarde, no combate à opressão, pela via da escrita e da militância contra o totalitarismo: os colonos franceses rejeitavam-no pelas suas origens; o meio literário parisiense via n' *O Homem Revoltado* (1951) um tabu e rejeitava a obra com violência.

«Encontrei o meu pai sentado na sala, a cabeça entre as mãos. Digo-lhe: 'Estás triste papá?' Ele levanta a cabeça,



olha-me nos olhos e responde: ‘Não, estou só.’ Isso revoltou-me tanto! Eu não sabia como dizer-lhe que comigo ele não podia estar só’».

(Camus, citado em Logeart, 2009)

O desenvolvimento da ética e da moral ganha corpo na adolescência. Entre a puberdade e a fase adulta, o cérebro passa por significativas transformações. A reorganização funcional ocorre especialmente ao nível do córtex pré-frontal, onde se processam as funções de decisão, planeamento e modulação das respostas emocionais. Pesquisas recentes em neurociência, com recurso a técnicas de ressonância magnética, sugerem que esta área alcança o seu potencial por volta dos 21 anos, sensivelmente, idade a partir da qual a maturidade cerebral tem condições efectivas para se desenvolver, manifestando-se no que vulgarmente se define por comportamento responsável (Beckam, 2004).

Esta é uma etapa decisiva do crescimento, marcada por mudanças comportamentais na atenção, na motivação e nos comportamentos de risco. A gestão das perdas inerentes ao processo de individuação tenderá a ser facilitada num contexto relacional que albergue espaço para exercitar a rebeldia, a transgressão, e estruturação do *self*.

Em *Home is Where We Start From*, Winnicott (1968, citado em Winnicott, 1986) defende que o desenvolvimento saudável da personalidade assenta na qualidade do processo de *integração* decorrente das relações de objecto, onde a *experiência da onnipotência* funciona como suporte para lidar com o Princípio da Realidade. As dificuldades encontradas num ambiente de crescimento menos favorável, evidenciam-se mais tarde, na adolescência, em que a tarefa de crescer equivale a tomar o lugar dos pais e, inconscientemente, à *morte de alguém*. «Se na fantasia da infância, existe *morte*

contida, na adolescência existe *assassinato* contido. Na fantasia inconsciente, crescer é inerentemente um acto agressivo» (Winnicott. 1986, p. 158).

É na adolescência que se elabora a angústia existencial, que abarca o questionamento sobre a razão da existência, a finalidade da vida e o sentido do ser (Coimbra de Matos, 2011). Sentimentos contraditórios de amor e ódio na esfera familiar são transferidos para outros objectos, que permitem «descobrir, confirmar e consolidar o que somos» (Viorst, 2003, p. 183). Intensificar a auto-estima, reivindicando progressivamente raivas, desejos e conflitos como seus, abre portas à capacidade de renunciar, mais tarde, à rebeldia, sem perder a identidade pessoal. Tal define o adulto que, em jovem, teve a possibilidade de ser imaturo e irresponsável, por alguns anos (Winnicott, 1986, em comunicação apresentada em 1968, 18 de Janeiro).

Tal como o protagonista d' *O Estrangeiro*, Camus foi um homem comprometido consigo próprio, mas o seu envolvimento consciente no projecto individual e na causa solidária transcende a neutralidade de Meursault. O primeiro aprendeu a amar aquilo que, desde a mais tenra infância, não escolheu. «A sua pobreza significava que não havia nada mais em que pudessem pensar a não ser no que comer, como se vestirem. Não havia lugar para outras coisas na sua família [nem] existência imaginária nas suas vidas.» (Camus, C. citado em Wilkinson, 1997). O segundo sucumbiu aos motivos que justificaram a condição do seu Eu (que o leitor desconhece) e, portanto, à pulsão de morte, pela incapacidade de erotização e simbolização da experiência relacional, que permite pensar o outro (e a ausência física deste). Nos momentos finais de vida, antes da execução, o anti-herói deleita-se com os cheiros da noite na terra, a paz do Verão adormecido, que nele entrava como uma maré. Ao soar o apito da partida desse mundo que lhe era indiferente, é a mãe que toma lugar no seu universo privado.

«Julguei ter compreendido porque é que, no fim de uma vida, [a mãe] arranjar um ‘noivo’, porque é que fingira recomeçar. Também lá, em redor desse asilo onde as vidas se apagavam, a noite era como uma treva melancólica. Tão perto da morte, a minha mãe deve ter-se sentido libertada e pronta a tudo reviver. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar sobre ela. Também eu me sinto pronto a tudo reviver.» (Camus, p. 85).

O homem que criou a obra, reconstruiu-se na sua relação com o mundo. Ao dedicar a sua última produção literária «àquela que nunca poderá ler este livro», o filósofo francês pode realizar o que o seu personagem condenado, sem idade nem nome próprio, não chegou a conceber: um tributo à força do amor, na sua misteriosa essência.

Title: Identity: Stranger

#### ABSTRACT

Based on the novel *The Stranger*, from Albert Camus, this paper proposes a reading of the work and the author, revisiting the works of Freud and Winnicott. The present hypothesis sustains that the perception of being stranger in a strange land is the result of a process of growth marked by losses and scarce in the affection, in early stages, which affects the process of healthy maturity. An identity built in an environment with no room for containment and thinking, may develop mechanisms of indifference or anger, manifested in a non eroticized relationship with others and experienced as absurd, meaningless and lonely. The ‘I’ that feels he doesn’t have a place (home) to call his own

is like to inhabit the skin of a stranger in unfamiliar territory, lost between the possibility of being a slave or master of himself, in constant search for love.

*Keywords:* Alien. Strange. Identity. Ambivalence. Taboo. Freedom.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral Dias, C. (2005). *Freud para além de Freud* (Vol. 2). Lisboa: Climepsi.

Beckam M. (2004, July, 30). Crime, Culpability, and the Adolescent Brain. *Science*.

(305), 596 - 599. Documento acedido em 30 Dezembro, 2011 de

<http://www.loni.ucla.edu/~thompson/PDF/MBscience.pdf>

Bowker, M.H. (2009). Meursault and Moral Freedom: The Stranger's Unique Challenge to an Enlightenment Ideal. *Albert Camus Society Journal* 1(1), 22 - 45.

Camus, Albert. (1968). *Lyrical and critical essays*. Ed. P. Thody. First American ed. New York: Alfred A. Knopf.

Camus, Albert. (2000). *O Estrangeiro*. Trans. Antônio Quadros. Documento acedido em 13 de Outubro, 2011, de <https://www.sabotagem.revolt.org> (Public. orig. 1942).

Coimbra de Matos, A. (2011). *Relação de Qualidade: penso em ti*. Lisboa: Climepsi.

Freud, S. (2004, Janeiro, 25). Totem e tabu e outros trabalhos. In FinalShare &

Biblioteca Digital Projeto Democratização da Leitura (Ed.), *Coleção Sigmund*

*Freud - Obras Psicológicas Completas* (Vol. 13). Recuperado em 15 Setembro, 2011 em <http://finalshare.cjb.net/> (Publ. Orig. 1913).

Freud, S. (2004, Janeiro, 25). Reflexões para os Tempos de Guerra e de Morte. In FinalShare & Biblioteca Digital Projeto Democratização da Leitura (Ed.), *Coleção Sigmund Freud - Obras Psicológicas Completas* (Vol. 14) Recuperado em 15 Setembro, 2011 em <http://finalshare.cjb.net/> (Publ. Orig. 1915)

Logeart, A. (2009, Novembro, 19). [Propos recueillis de Catherine Camus] Tu es triste, Papa?? – Non, je suis seul. *Spécial Camus. Le Nouvel Observateur*. Documento acedido em 02 de Dezembro, 2011, de <http://bibliobs.nouvelobs.com/documents/20091120.BIB4453/tu-es-triste-papa-non-je-suis-seul.html>

Wilkinson, R. (1997). [Interview with Catherine Camus about Albert Camus' The First Man]. *Spyke Magazine*. Postado a 1 de Março. Documento acedido em 20 de Novembro, 2011, de <http://www.spikemagazine.com/0397camu.php>

The Doors (1967). People are strange. *Strange Days* [disco]. Sunset Sound Studios, Los Angeles: Elektra.

Viorst, J. (2003). *Perdas Necessárias*. São Paulo: Melhoramentos.

Winnicott, C., & Shepherd R., & Davis, M.(Eds.). (1986). *D.W. Winnicott Home is where we start from: essays by a psychoanalyst*. London: Penguin books.